



Burocracia francesa não atrapalhou sonho de estudar fora

De malas prontas para passar seis meses em Montpellier, na França, Júlia Normande diz que sempre teve vontade de estudar fora do Brasil, mas quando se candidatou ao Ciência Sem Fronteiras, não tinha muita fé no sucesso da inscrição. Na época, para participar do programa, era preciso obter aprovação da universidade estrangeira antes de se inscrever na seleção de bolsas, e fazer isso sem conhecer ninguém do outro lado deixava o processo mais difícil.

“Eu tinha uma expectativa de total insucesso, mas vi um colega de curso ser aprovado e tive apoio dos professores. Acabei achando que

não custava nada tentar, e fui conversar com um professor que possuía contatos com a Universidade de Montpellier, onde acabamos conseguindo minha aprovação”, lembra Júlia.

Quando o resultado da seleção foi divulgado, a insegurança deu lugar à comemoração e preparação dos documentos necessários para viajar. Quase todo o custo do intercâmbio foi coberto com a bolsa oferecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que mantém o programa. Para Júlia, esse é um dos maiores incentivos para quem quer estudar fora sem grandes problemas

financeiros. “Todo estudante universitário tem vontade de participar de um intercâmbio no exterior, mas é um investimento muito alto. Seis meses na Europa custam, em média, 15 mil reais. Não é todo mundo que pode arcar com esse custo, principalmente em se tratando de estudantes de universidades públicas. Com a bolsa, nós podemos não só pagar a estadia, como a passagem aérea, o seguro-saúde e despesas com o visto. É um estímulo e tanto”, avalia.

Em agosto, ela embarca para Montpellier, onde já estão o irmão, Bruno, e a esposa dele, Ísis, também alunos da UFAL. Para eles, o apoio financeiro do

Ciência Sem Fronteiras também foi um grande estímulo, até porque tiveram a oportunidade de comprar notebooks e tablets para fazer trabalhos acadêmicos e se comunicar com as famílias, no Brasil. Mas como todo processo que é novo, a história deles teve um pouco mais de dificuldades que a de Júlia, aprovada no segundo edital de seleção do CNPq.

Bruno e a esposa foram parte do primeiro grande grupo de selecionados para o intercâmbio no exterior. Na época, além da exigência da aprovação prévia pela universidade, como aconteceu com Júlia, eles precisaram enfrentar a burocracia francesa, e só tiveram

sucesso pelo conhecimento do idioma local. “Como eu estava chegando em janeiro (meio do ano escolar europeu), e minha carta de aceitação estava assinada em outubro (começo do ano escolar), a universidade não quis me matricular. Eu tive que argumentar bastante em francês, e dar alguns telefonemas aos professores que assinaram minha carta, para conseguir a vaga e a matrícula. Hoje, sei que o processo está mais organizado, pois os estudantes que foram depois mantêm contato pelas redes sociais, e dizem que não tiveram mais problemas desse tipo. Mas no começo, foi bem difícil”, conta Ísis Costa. G.L.

Blog traz experiências de estudantes na França e ajuda a matar a saudade de casa

Para dividir as experiências, e evitar que outros colegas passassem pelas mesmas dificuldades, eles criaram um blog na internet (<http://vievenfrance.wordpress.com/>) onde compartilham o que acontece no dia-a-dia da universidade, dificuldades e conquistas da rotina no novo país, e, claro, a saudade de casa, que é tão grande quanto o sonho realizado.

“Sempre tive vontade de fazer intercâmbio, e fui incentivado pela minha família. Eu tentei pela primeira vez no programa do Santander para Portugal, mas como as vagas eram mais limitadas, terminei sem ser escolhido.”

“O CSF facilitou muito a realização de intercâmbios pela UFAL. Apesar de existirem outros programas por lá, ele é de longe o melhor: a bolsa é suficiente para se viver no exterior, e ainda ganhamos dinheiro para comprar um notebook (ou tablet) para nos comunicar com nossas famílias e fazer trabalhos. É uma experiência única”, define Bruno Normande. G.L.